

A PATRIA

Orgão dos interesses da colonia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 do Maio 471, esq. do Ciudadela

Montevideo--Quinta-feira 18 de Novembro de 1886

Diário da manhã--Anno VIII--Num. 2211

A PATRIA

é publicação diária e da manhã. — Sabe pela typographia do seu nome

DIRECTOR: PASSIO A. FARINHA

TELEPHONE «LA URUGUAYA» N. 296

COLLABORADORES

Quintino Bocayuna.
Dr. J. Ferreira de Araújo.
Dr. Joaquim Nabuco.
José do Patrocínio.
Conselheiro Ruy Barbosa.
Dr. Ennes de Souza.
Dr. Antonio M. dos Reis.
Dr. Luiz J. Pereira da Silva.
Manoel Carneiro.
Dr. Augusto Fausto de Souza.
Luiz de Andrade.
Americo de Castro.
Elisio Mendes.

Tem correspondentes nas capitais da Europa e nas principais cidades da America do Sul. Tem agentes em todos os departamentos da Republica, nas povoações da fronteira com o Brasil e com a Republica Argentina.

CONDIÇÕES

Assinatura mensal nesta cidade . . . \$ 1.20

PARA FORA

Se nestro . . . \$ 8.00
Anno . . . \$ 15.00
Numero do dia . . . \$ 0.10
atrasado . . . \$ 0.20

ASSINATURA PARA O BRASIL

Semestre (moeda papel réis) . . . 198000
Anno . . . 398000

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim do Março, Junho, Setembro ou Dezembro, podendo começar em qualquer dia.
A correspondência deve ser integralmente selada, sem o que não será retida o correio.
Sempre deve ella ser dirigida ao Director.
Não se devolvem originaes, ainda que não sejam publicados.

A PATRIA

MONTevideo, 18 de Novembro de 1886

Manifestação honrosa

Sessenta cidadãos brasileiros dirigiram ao nosso respeitavel compatriota Sr. José Nery, commerciante desta praça, a manifestação que abaixo publicamos. Ella não pôde ser mais justa nem mais expressiva.
Com prazer a estampamos na secção de honra da nossa folha.
Ella é:

Ilmo. Sr. José Balbásda Oliveira Nery.

Os infrascriptos, vossos compatriotas e admiradores, sabendo que acabas de ser victima de uma profunda e grave injuria, a qual vos impelliu a pedir a exoneração da Agencia da Companhia Nacional da Navegação a Vapor, vem, por este meio, manifestar-vos a consideração e apreço da que sois merecedor. Os vossos compatriotas reconhecem, o um principio da justiça e da equidade, que possuis todas as qualidades que sa-lientam os nobres caracteres: a honradez, o patriotismo e a grandeza d'alma. Aceitae, pois, como testimonio do respeito que vos consagram os vossos compatriotas, esta manifestação modesta, mas sincera. Dito-a a justiça, que é indefectivel.

Montevideo, 6 de Novembro de 1886.

Dr. J. J. Barros Pimentel.
Barros & C.
Cassio A. Farinha.
Manoel C. Pereira.
J. C. Ferreira.
M. A. Mendes.
Joaquim José de Souza Inunes.
José Braga.
Ignacio Soares Braga.
Honório Cunha.

FOLHETIM DA PATRIA

O DR. ANGELO PAROLI

POR
XAVIER DE MONTEPIN

SEGUNDA PARTE

XX

uma palavra a Caseneuve, de cuja força herculea já fallamos mais de uma vez. O agente approximou-se da bella hermanaria, agitou-a pela cintura e levantou-a como se fosse uma criança, dizendo:

—Vamos lá, minha queri-la senhora, a caminho.

E dirigio-se para a porta com aquella farda.

Angela debatia-se em vão, sob o poderoso aperto do collo.

Emma Rosa deu um gemido surdo, quiz correr para a mãe, mas não teve forças e cahio desmaiada.

—Minha filha! minha filha!... Bem vêm que minha filha morre!... exclamou a bella hermanaria, chegada ao paroxismo da raiva e da dor.

Sem se inquietar com os gritos della, Caseneuve deitou a cabeça e entrou na loja.

A pobre Angela tinha esgotado a energia physica e moral.
Fez uma derradeira tentativa de resis-

Antonio Carlos Martins.
C. Peixoto de Abreu Lima.
Serafim I. de Medeiros.
Carlos A. do Olmedo.
Alfredo Bastos.
C. Boisson.

Wenceslau F. Braga.
Joaquim R. de Azevedo.
F. Barbosa.

Hernando M. Amarante.
José A. Nicolini.
José da Freitas Cabral.

Alberto Zuany.
Hermenegildo Nunes, Filho.
G. M. Moraes.

Francisco E. da Silva.
José S. P. Lima.
Silva & Irmão & Fontana.

Hermenegildo Ferreira Nunes.
Raphael P. de Medeiros.
Dr. Rodrigues d'Oliveira.

José Santos Lara.
Raul Atto.
Aguiar Braga & Ca.

José F. Pereira.
Manoel Dias.
João Boix.

A. Alves de F. e Silva.
Henrique Sá.
João Antonio da Costa.

J. Mariano Porto.
Frederico da Cruz Sacco.
Processo Basalidia.

André Lagos.
Ernest Breyer.
Aurelio de Figueiredo.

Antonio José das Freitas.
Joaquim Francisco das Freitas.
Eduardo Soares Netto.

Francisco Rios Candiota.
Boaventura A. da Costa.
Ovidio Barcellos.

Dr. José Francisco Freitas.
Feliciano Teixeira Machado.
Lucio Ferreira da Fonseca.

Anacleto da Costa Barcellos.
B. Silveira.
Manoel L. Jardim.

Dr. G. Calvet.
José da Silva Marques.

O nosso compinheiro da redacção, Mariano Porto, ao remetter ao Sr. José Nery a manifestação de seus compatriotas, dirigio-lhe a seguinte carta:

Sr. José B. d' O. Nery.
Montevideo, 11 de Novembro de 1886.

Respeitavel compatriota:

O mais obscuro membro da colonia brasileira da capital da Republica do Estado Oriental do Uruguay tem a subida honra de vos enviar a inclusa folha de papel firmada por 60 compatriotas.

Como elles pensam, certamente, ser sufficiente para sómos vós os vossos compatriotas conchegam a causa que lhes fez irromper dos seios d'alma os sentimentos manifestados n'esta demonstração de apreço da que sois alvo.

Melhores commerciantes, fazendeiros, empregados do commercio, artistas, militares e jornalistas—os signatarios tem gravada no espirito a convicção profunda do quanto deve a não commum—a patria—para que no seio de uma sociedade estrangeira leve a publicidade os motivos que os impelliram a essa reacção voluntaria da justiça, para com a vossa pessoa.

Concorrendo com o nosso esforço colectivo para o engrandecimento deste bello paiz e do nosso proprio, não esqueçamos, por um instante que seja, a responsabilidade que peza sobre nós da sempre procurarmos honrar o nome da patria da Caxias, Osorio e Barros.

Tanto como vós, todos sentimo-nos profundamente injustiça da que fostes victima. E' bastante que vós e os signatarios, vossos admiradores e compatriotas, simultanea e sofram n'a resignação.

Não somente a religião do Christianismo que tem a virtude de dominar as paixões humanas, não é só elle que tem esse dom subalterno: a religião do patriotismo, consubstanciada no amor da patria, tambem o possui, fazendo calar nas almas nobres os impulsos da paixão, obrigando a vida interior os mais fortes sentimentos, ordenando-nos que silencieos as dores, as mais funestas, porque passamos n'este mundo.

Na conjunctura actual tendes mostran-

tença; accommetteu-nos um tremor nervoso, que a saudade como se fosse uma convulsão.

A esta crise violenta, mas curta, succedese o completa immobilidade.

Como a filha, a mãe, toda desmaiada.

—Assim e melhor! murmurou o agente. Ao menos está calada! Este diabo do mulher pôde não ser lá grãta coisa, mas commova a gente até ás entranhas. Irra!!

—Levem-na n'uma das carruagens, ordenou o chefe da segurança. E da-res-se para o Depósito. Temos ainda que fazer aqui.

Floquy correu a abrir a porta de um dos fideiros e Caseneuve collocou sobre os assentos do fundo a bella hermanaria, completamente inanimada.

Os gritos do infeliz mui tinham chamado a attenção da alguns vizinhos e feito parar alguns transeuntes, que ficaram em frente do estabelecimento.

O agente deu uma ordem ao cocheiro, sentou-se em frente da Angela, que continuava desanimada, e a carruagem ruiu.

—Vós não pôde ficar aqui, disse o chefe da segurança a Catharina, que soluçava n'um canto. Somos obrigados a fechar a loja e levar as chaves.

—Mas, senhor, balbuciu a criada, tremendo. O que vai ser da filha da Sr. Angela? Bem vêm que ella está doente... muito doente.

—Está doente, sim, mas não a ponto de ficar na cama, visto que a encontramos levantada.

do ser adepto dessa religião—a do patriotismo. Porque não sel o-hemos tambem?

Podeis erer que os compatriotas firmados nessa demonstração de apreço collocam a vossa honra e nobre caracter muito acima dos juizos infundados e arbitraríos da quem quer que seja.

Orgulheando-me em vos enviar a manifestação dos vossos compatriotas, a qual sor-vos-ha um balsamo ás maguas porque acabas da passar, subscrovo-me vosso compincheiro e admirador.

J. Mariano Porto.

A carta do Sr. Mariano Porto foi contestada pelo venerando Sr. José Nery com a que ora publicamos:

Montevideo, 11 de Novembro de 1886.
Ilmo. Sr. Mariano Porto.

Acabo de ler a carta que o amigo dirigiu-me a ao mesmo tempo o valioso documento firmado por 60 brasileiros residentes na Republica.

O objectivo dessa espontanea manifestação não é só a minha honra pessoal; envolve nesses termos do conforto a expressão sincera da justiça que no animo de cada um de meus honrados compatriotas peza em meu favor.

Não quizera nem pretendera erer que na minha idade chegasse a alguém, mal intencionado, a urdir offensas indirectas, cujo alcance não pôde, fozmente, perturbar a tranquillidade do Sr. Entretanto, se bem que me seja difficil esquecer a mesquinha injustiça de que fui alvo, cabo-me hoje a satisficção de ver que ao meu nome vêm pressurosos os meus dignos compatriotas unir as suas firmas, em cujo proceder não pôde existir outro sentimento que não sejam os da honra e do civismo.

O patriotismo não é seguramente mercancia que possa ser distribuida a mercê de uma vontade pessoal, ainda mesmo poderosa; é sentimento que se traduz em factos de honra e de franqueza. Deixarei da luto o que poderia invocar em testimonio da passadas acções; e entretanto aos meus compatriotas que me honram com essa a fides da sympathia não deixarei de recordar que em minha familia—o meu venerado paiz, os meus irmãos e eu—fomos militares ao serviço da patria, e tivemos recompensas que os documentos officiaes do nosso exercito registram.

A fê d'officio de cada um affirmar que o patriotismo que animou o coração do moço não pôde ser eliminado da memoria de quem é brasileiro e tem os seus cabellos nevados pela experiencia e pelos annos.

Permittam os meus compatriotas que os abraço com a sincera gratidão de quem sente pulsar dentro do peito um velho coração brasileiro.

Com toda estima.

Do V. S.

Patricio, amigo e criado grato.

José B. d'Oliveira Nery.

ECHOS DO BRASIL

Questão militar

Em data de 9 do corrente, foi expedido o seguinte aviso pelo ministerio da guerra:

«Ilmo. e Exm. Sr.—Remetto a V. Ex. para seu conhecimento o devoto officio, a inclusa cõpia da consulta do conselho supremo militar de 18 do Outubro ultimo, resolvida a 3 do corrente, relativamente a revisão das disposições dos avisos de 1 de Outubro de 1859, 25 de Dezembro de 1884 e 9 de Julho de 1885, que estabeleceram as condições em que poha os militares da terra o mar recorrer a imprensa.

Dous guardo a V. Ex.—Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves.

CONSULTA A QUE SE REFERE O AVISO SUPRA

Senhor.—Em pararia da secretaria do Estado dos negocios da guerra n. 89, de 8 do corrente mez, foi V. M. Imperial servido mandar declarar ao conselho supremo militar que, suscitando recla-

—O que hei de fazer?

—Obter a sua admissão n'um hospicio ou leve-la para a sua casa.

—A minha casa é uma agua-furtada, senhor. Sou uma pobre criada; mas, entretanto, não quero que a minha Emma Rosa entre no hospicio.... Eu lavarei a minha querida menina.... Fiz umas pequenas economias dos meus ordenados.... não se embora; mas, paciencia! E' se do povo e pobre, mas, ainda assim, tem se coração.... sabe-se o que é humanida.

—Ponha os tapetes na loja e depois faça descer a moça.

Catharina obedeceu; e, depois de ter posto os tapetes, subiu para os quartos da sobreloja.

Emma-Rosa recuperava os sentidos.

—Minha mãe! Onde está minha mãe? exclamou ella vendo a sua velha criada. Esta deitou a soluçar.

A moça repetiu:

—Onde está minha mãe?

—Foi-se, menina.... foi-se! Levaram-na os agentes. E' preciso sahirmos da casa.

—Quero ir ter com minha mãe.

—Elles não a deixam, menina.

—Contu lo, ella está innocente.

—Que importa.... julgam n'a culpa.

Emma-Rosa sentia a loucura invadir-lhe o cerebro.

—E' preciso sahir daqui, murmurou ella.

—Sim, minha menina, o já.

—Para onde vou?

mações o modo por que é entendida a doutrina dos avisos de 1 de Outubro de 1859, 25 de Dezembro de 1884 e 9 de Julho de 1885, que estabeleceram regras, segund as quaes podem os militares da mar e terra recorrer a imprensa; e o convindo que tão importante assumpto seja regulamentado clara e positivamente, ordena que o mesmo conselho, revendo as disposições dos referidos avisos, apresente, com urgencia, um projecto de instrucções que rejam esta materia.

Em desempenho do tão honrosa incumbencia, entendo o conselho supremo militar que a questão fica satisfactoriamente resolvida com as seguintes instrucções, que submitta á alta apreciação do V. M. Imperial:

1.º Que, nos termos do § 4.º do art. 179 da Constituição Politica do Imperio, estão os militares no pleno direito do que goza a universalidade dos cidadãos brasileiros, de communicarem seus pensamentos por palavras, escriptos, ou publicos ou pela imprensa, sem dependencia de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem no exercicio d'este direito, nos casos e pela forma que a lei determinar.

2.º Que dentro dos abusos em que n'esta assumpto possam incorrer os militares, ha aquelles, cujo julgamento pertence ao foro commum, e aquelles que, sendo offensivos da disciplina do exercito, são da competencia da jurisdicção militar.

3.º Finalmente, que é contraria á disciplina militar toda e qualquer discussão pela imprensa entre militares, sobre objecto de serviço; porque, além de offender ás leis e regulamentos respectivos, tem o grave inconveniente de desmoralisar a classe e ferir a honrosa reputação que tem sabido conquistar pelo seu espirito da ordem e bons serviços prestados á patria.

Tal e, Senhor, o parecer do conselho supremo militar V. M. Imperial resolverá, porém, como melhor o julgar em sua sabedoria.

Rio de Janeiro, 18 do Outubro de 1886
—Visconde de Tamandaré—Senhor de Andarae—H. de Buarque—Ruy de Paula—E. Bulhões—M. Reis—Pereira de Carvalho—Alcoba—S. M. Fonseca.

RESOLUÇÃO

Como parece,—Palacio em Piracicaba, 3 do Novembro de 1886—Com a rubrica de S. M. o IMPERADOR.—Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves.

Uma carta do Sr. Clapp

Es como o nosso amigo e compatriota Sr. João Clapp, Presidente da polare sociedade Confederação Abolicionista, agradece ás pessoas que por elle se interessaram no doloroso transe pelo qual passou, quando perdeu ultimamente sua adorada filha Alice.

«Vou por mim e por minha desolada familia agradecer com o maximo reconhecimento aos distinctos orgãos da imprensa luminosa, ás associações e a todas as pessoas da nossa amiza le, bem como os amigos e correligionarios das provincias que se dirigiram a mim por telegrammas, as muitas e significativas provas de estima e consideração que nos dispensaram, por occasião do fallecimento da minha adorada filha Alice Clapp.

As caridosas familias—Continente, Pinho, Sampaio, Patrocínio, Sena, Faria, Figueira, Tavares, Ennes da Souza e Campos da Paz, que peço licença para especializar as suas demonstrações de amizade, n'esto doloroso transe. A Guita de Tard, o reconhecimento do muito que lhe devemos.

A todos os cavalheiros e familias do Friburgo, onde nos agiamos algum tempo, tambem nos confessamos gratos. Aos illustres medicos Drs. Pereira Guimarães, Borges Leite, Continente Junior e Theodoro Gomez, que, com tanto desvelo, trataram da minha pobre filha, somos igualmente reconhecidos. Os Drs. Borges Leite e Continente, que, além dos recursos da sciencia, emprestaram os carinhos e as delicias da amizade, merecem-nos a gratidão eterna.

—Para minha casa, menina... para o meu pobre quarto. Pôla ser que a sua mãe ficou muito tempo presa.... A's vezes a innocencia leva muito tempo a provar.... Eu cuido da menina, até que ella volte.... Não ha ha de faltar nada.... a minha agua-furtada, p'ra mimto pequena que seja, ainda é sufficiente para grande para que eu possa por um colchão no soello, ao lado do meu leito, que ficará sendo o seu.

Enquanto fallava, Catharina fazia rapidamente um embrulho da roupa branca e vestidos, indispensaveis á moça.

Esta balbuciava:

—Meu Deus... meu Deus... minha pobre mãe!

O embrulho estava terminado.

—Vamos, menina, disse Catharina, vamos, não temos na la que fazer aqui! Encosta-se a meu braço, acrescentou ella, ven lo que Emma Rosa, dabalhada em lagrimas, se sustinha com difficuldade.

E ambas se dirigiram para a porta.

O Sr. de Gavey deteve-as com um gesto.

—Estamos de ter preciso da interrogar esta menina, disse ella. Dê-me a sua moral!

—E' a casa aqui ao lado, senhor, n. 104, respondeu Catharina, uma agua-furtada, no quinto andar. Não havia nenhuma para alugar nesta praça.

—Pois bem.... tome lá esta nota do banco para as primeiras necessidades da menina.... Pode retirar-se.

amizade, merecem-nos a gratidão eterna.

Agora, duas palavras da profundo valor moral para os que souberem avaliar a minha grande dor: A morte da minha desventurada filha não é um facto tão natural como parece. Ella foi apressada pelo resultado das vigílias e dos sobresaltos por qua passou essa santa creatura, todo esse longo periodo da minha lucta abolicionista; minha filha deixou-se atterrar com as constantes ameaças dos nossos inimigos, e, pela grande deliciação que me consagrava, succumbiu ultimamente, diante da perseguição infreaga contra a minha pessoa, movida por todas as forças escravidistas, encarnadas no governo actual.

Agora que o facto está consumado, eu não venho pedir trocas nem compensação. Esse desenlace cruel, que fez tombar para sempre o auto que eu tanto idolatrava, inspira-me jurar, como juro pela sua memoria, vingar a sua morte, trabalhando a mo esforçoando por todos os meios, ao lado dos meus nobres e laes compincheiros para salvar os miseros escravidistas, que ainda estão sendo victimados por esses algos da humanidade. Estes que gozam embora todas as delicias d'esse poder da miseria, que nós havemos de assistir á grande catastrophe da sua queda, coberta do opprobrio e maldições.

«No Jornal de 5 de Maio está publicada a descrição do monumento, por tanto pouco tenho a acrescentar. Não haverá ali somente um museu da physica, mas um instituto da sciencias physicas e naturaes. A planta apresentada pelo Sr. Bezzi a Sua Magestade, contém os augmentos da que falla a noticia referida, e esses augmentos constam do duas alas lateraes, da mesma architectura das existentes, o que terminam por terreos iguaes aos da frente, vindo todo o edificio a formar um E.

«Estão concluidos os alicerces, o embasamento, o pavimento terreo e quatro metros o meio nos corpos lateraes do segundo pavimento. Os vigamentos do pavimento terreo e do 1º andar já estão assentados. Além dos outros operarios, estão alli trabalhando 160 polifreiros. Todos os modelos em relevo estão prontos e apenas falta armal-os. O Sr. Bezzi mandou já um modelo para a academia das Bellas Artes, outro para a exposição da Veneza, deixando um aqui o guardando para si outro.

A caixa da escada tem 21 metros do frente por 10 do fundo, o pavimento combina com as galerias lateraes que por ella remudas—terão a extensão de 90 metros. A decoração interior segue as mesmas linhas da exterior. Razão teve o escriptor da noticia publicada no Jornal: «o magostoso monumento do Ypiranga será um dos desvanecimentos o glorias da provincia de S. Paulo.»

Da volta do Ypiranga visitaram Suas Magestades a Santa Casa da Misericórdia, sendo recebidos pelo provedor, Dr. Raphael de Barros. Tambem deste importante edificio já se occupou o Jornal. Ainda não está concluido o quando o estiver será mais um importante melhoramento que já hoje presta relevantes serviços á população, pois nolle está em tratamento cerca de 110 enfermos.

(Continúa.)

Corveta «D. Isabel»

Lemos no Paiz do Rio de Janeiro, do 11 do corrente:

Ha 25 annos, em 11 do Novembro de 1860, ás 9 horas da noite, naufragou na costa da Barbária, 6 milhas ao sul do cabo Sparte, perto do Tanger, a corveta brasileira «D. Isabel».

Tendo deixado o porto de Marselha a 30 do Outubro de 1860, demandava o estreito de Gibraltar, quando, ao amanhecer do 10 do Novembro, o gageiro do pra annunciou terra por ambos os bordos.

Levantando o navoeiro que a occultava, distinguiram-se bem as terras do norte e sul daquelle estreito até o oceano, enquanto que branda brisa do NE impellia o navio para fóra.

Dentro em pouco desencadeava-se terrivel tempestade, o navio perdia muitas das suas velas, logo depois substituidas.

da complicitade do parricidio.... Angela Bernier tentará lutar ainda o salubr victoria.... Contra a evidência é impossivel a luta.... Ha de acabar forçosamente por confessar.

O magistrado accrescentou: —Por emquanto nada mais temos que fazer aqui. Retiremo-nos.

O chefe da segurança deitou uma ultima vista do olhos para cada quartel; mandou Phosphoro fechar as janellas da sobreloja e acompanhou o juiz formador da culpa, como o qual entrou para a carruagem, no meio de uma multidão, cada vez mais compacta, do curiosos, depois do ter fechado a porta da loja o lavado o chave.

O fideiro rodou.

Luigi, o armeiro o vendedor de castanhas improvisadas, bem collocado por detrás do assador, bon escondido pela ampla pala do seu boné, seguia com a vista todas as peripetias do drama a que acabamos de assistir e do qual elle era até certo ponto a caverna mística; por conta de Angelo Paroli.

—Compreendi perfeitamente! pensava elle. O agente causou toda esta balbúrdia, provando uma cousa qualquer, que era necessario provar, o que eu não sou o que é.... O tal oculista é um esportista da força. Creio que é melhor tê-lo por amigo do que por inimigo.

O espião tinha visto o agente Caseneuve lavar Angela desmaiada; tinha visto a velha criada Catharina sahir da loja com Emma-Rosa, levando um pequeno embrulho e entrar no corredor da casa

XXI

—Mas a mamã, senhor... a mamã não me será permittido vê-la perguntou com voz supplicante, Emma Rosa.

—Ha de lá ser permittido, menina, não agora; mas mais tarde.... respondem o juiz formador da culpa.

—Ella está innocente, senhor.

—Infelizmente é me impossivel acreditar o, menina.... Tudo a accusa.... as provas da sua culpabilidade não faltam.

—São provas falsas! replicou a moça. Repito-lhe que ella está innocente! Sei-o perfeitamente, eu que conheço o seu coração! Os que a accusam são insensatos! Os que a torturam são carrascos! Eu os amaldiço e Deus ha de castigal-os.

Depois de ter pronunciado, com animação e tom quasi feroz estas ultimas palavras, Emma Rosa encostou-se ao braço de Catharina e sahio da loja, tão depressa quanto lhe permittiam as suas forças.

O Sr. de Gavey tinha estremecido, não grado seu, com a ameaça o mallicio da menina; mas, dali a pouco, sorrio daquelle que elle julgava uma fraqueza passageira.

Obedeço á minha consciencia, disse ella quasi em alta voz o como que respondendo ao seu proprio pensamento. Na verdade, a situação da moça era de natureza para enternecer os corações mais impetuosos; mas o seu desespero nas suas lagrimas não lavam sua ini-

